

Brasília, 18 de setembro de 2026

Seleção

Sumário

Jota Info

Quinta-feira, 17 de setembro de 2026 | Propriedade Intelectual

IA ganha espaço em cursos de Direito e Negócios de universidades dos EUA 3

Migalhas

Quinta-feira, 17 de setembro de 2026 | Propriedade Intelectual

"Sinais Genéricos, Necessários e Descritivos: distintividade marcária" 5

O Globo Online

Quinta-feira, 17 de setembro de 2026 | Direitos Autorais

NY Times acusa OpenAI de 'roubo impressionante' por utilizar milhões de seus artig... 6

Quinta-feira, 17 de setembro de 2026 | Direitos Autorais

IA nas pequenas empresas coloca produtividade em debate 8

IA ganha espaço em cursos de Direito e Negócios de universidades dos EUA



Feira do EducationUSA com mais de 30 representantes de instituições americanas tem a tecnologia como um dos destaques desta edição

Em um mercado de trabalho cada vez mais moldado pela tecnologia, ampliar a formação acadêmica e a rede de contatos internacionais tornou-se um diferencial para advogados, executivos e outros profissionais brasileiros. Para aproximar esse público de universidades americanas, o EducationUSA Brasil promove, gratuitamente, o EducationUSA LL.M. & MBA Tour 2026, que reúne representantes de mais de 30 faculdades de Direito e de Negócios dos Estados Unidos.

O evento passa por quatro cidades brasileiras entre setembro e outubro - Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Curitiba - e integra o EducationUSA Latin America LL.M. & MBA Tour, que percorre 12 cidades em oito países da América Latina. Esta é a primeira edição em que o tour reúne, de forma integrada, universidades com programas de pós-graduação (LL.M.) e de Master of Business Administration (MBA).

Segundo Simone Ferreira, orientadora do EducationUSA e coordenadora do evento, a decisão pela tour surgiu a partir do contato direto com estudantes e profissionais brasileiros. "Há um interesse crescente em buscar uma formação nos Estados Unidos que ajude a acompanhar as rápidas transformações do mercado. Por isso, essa oportunidade pode contribuir para ampliar o acesso a informações e caminhos para quem deseja investir na carreira e na for-

mação internacional", afirma.

Essa conexão entre os países faz sentido, já que o país é atualmente o maior da América do Sul em número de estudantes nos Estados Unidos. De acordo com o Open Doors 2025, mais de 17 mil brasileiros estudam hoje em instituições de ensino superior norte-americanas.

Inteligência artificial no Direito e nos Negócios

Um dos destaques desta edição é o impacto crescente da inteligência artificial na formação de profissionais de Direito e de Negócios. Diversas universidades participantes já incorporaram o tema a seus programas, cursos e centros de pesquisa. Na área jurídica, os temas incluem regulação e governança de IA, **propriedade intelectual**, privacidade e proteção de dados, cibersegurança, ética e IA responsável, tecnologia jurídica, uso de inteligência artificial generativa na prática jurídica, contratos e licenciamento de tecnologia e antitruste. Na área de Negócios, a IA aparece em disciplinas de estratégia empresarial, análise de dados, machine learning, empreendedorismo, inovação, tomada de decisões e uso de inteligência artificial por gestores e organizações.

"A inteligência artificial deixa de ser um assunto restrito à área de tecnologia e torna-se uma questão que interessa a praticamente todos os profissionais. No Direito, por exemplo, ela traz discussões importantes sobre privacidade, proteção de dados, **propriedade intelectual**, regulação e responsabilidade. No mundo dos negócios, está transformando processos, modelos de negócio, liderança e estratégias", explica Ferreira.

Entre as instituições participantes com iniciativas relevantes nesses temas estão, na área de Direito, UC Berkeley, Georgetown, Boston University, Cornell, NYU, Northwestern, UCLA, University of Michigan e University of Texas at Austin. Na área de Negócios, participam, entre outras, Tuck School of Business, Indiana University Kelley School of Business, Brandeis e IE New York College.

Para quem atua na área jurídica, o LL.M segue como uma das principais portas de entrada para uma formação internacional após a graduação em Direito. Os programas permitem aprofundar conhecimentos em áreas de especialização, conhecer

outro sistema jurídico e desenvolver uma rede internacional de contatos, além de acompanhar de perto as transformações que já vêm modificando a prática profissional, como o próprio avanço da IA. Já o MBA forma profissionais para posições de gestão e liderança, com o mesmo tipo de aproximação direta com representantes das áreas de admissão das universidades.

Em relação a bolsas de estudo, um dos temas sobre os quais os candidatos brasileiros mais perguntam, Ferreira explica que não existe uma política única para todos os programas. "Cada universidade estabelece seus próprios critérios e oportunidades. Para mestrados, como LL.M. e MBA, podem existir bolsas institucionais, geralmente baseadas em mérito, e, em alguns casos, também há auxílio financeiro ou outras formas de redução de custos", afirma.

Para ela, o mais importante é que o candidato não assuma de antemão que uma pós-graduação nos Estados Unidos está fora do alcance financeiro. "É preciso pesquisar as universidades, entender os diferentes tipos de auxílio e, principalmente, começar o planejamento com antecedência para identificar as oportunidades em que o perfil do candidato é mais competitivo."

Experiência que vai além da sala de aula

Quando decidiu fazer um LL.M. nos Estados Unidos, o advogado Pedro Quagliato tinha um objetivo claro: conhecer de perto o sistema jurídico norte-americano e construir uma carreira voltada à conexão entre empresas brasileiras e estrangeiras. Formado em Direito em Campinas, concluiu, em 2007, seu Master of Laws na University of California, Davis School of Law. Depois de mais de uma década como advogado interno de multinacionais, abriu, em 2014, seu próprio escritório, hoje voltado especificamente para negócios internacionais.

"Quando olho para trás, vejo uma linha muito clara conectando aquela decisão de fazer o LL.M., em 2007, com o trabalho que faço hoje. O LL.M. não

foi apenas um curso ou um título acadêmico. Foi uma experiência que abriu minha cabeça para o mundo e ajudou a direcionar toda a minha trajetória profissional", afirma Quagliato.

Além do conteúdo acadêmico, o advogado destaca a construção de uma rede internacional de contatos como um dos principais resultados da experiência. Passadas quase duas décadas, algumas das relações construídas naquele período continuam presentes em sua vida profissional.

"Minha principal dica para os alunos interessados é: preparem-se bem, mas, quando estiverem lá, aproveitem a experiência ao máximo. Não apenas as aulas, mas também o contato com os professores e colegas, a construção de uma rede de contatos, a cultura, as atividades oferecidas pela universidade e a própria experiência de viver em outro país. Tudo isso faz parte da experiência de fazer um LL.M.", conta.

As inscrições para o EducationUSA LL.M. & MBA Tour 2026 são gratuitas:
<https://educationusa.org.br/educationusa-llm-fair/>

EducationUSA LL.M. & MBA Tour 2026

Rio de Janeiro

28 de setembro | 17h às 20h

JW Marriott Copacabana

Av. Atlântica, 2600, Copacabana, Rio de Janeiro (RJ)

Brasília

29 de setembro | 18h às 21h

Windsor Hotel Brasília

SHN Q. 1, Conjunto A, Bl. A, Asa Norte, Brasília (DF)

São Paulo

1º de outubro | 18h às 21h

InterContinental Hotel São Paulo

Alameda Santos, 1123, Jardim Paulista, São Paulo (SP)

Curitiba

5 de outubro | 17h30 às 20h30

Hotel Pestana Curitiba

Rua Comendador Araújo, 499, Batel, Curitiba (PR)

"Sinais Genéricos, Necessários e Descritivos: distintividade marcária"

Lançamento "Sinais Genéricos, Necessários, Comuns e Descritivos - Uma metodologia para aferir a distintividade marcária" Obra de Eduardo Ribeiro Augusto será lançada no Rio de Janeiro e em São Paulo e conta com apresentação escrita pelo advogado Carlos Roberto Siqueira Castro. quinta-feira, 17 de setembro de 2026

Atualizado às 16:32

Como medir o quanto uma marca é distintiva? Esse é um dos questionamentos abordados em "Sinais Genéricos, Necessários, Comuns e Descritivos - Uma metodologia para aferir a distintividade marcária", de Eduardo Ribeiro Augusto. A obra será lançada em 18/9, no Rio de Janeiro, e em 22/9, em São Paulo. Na capital paulista, o evento será das 18h às 21h, na Livraria Martins Fontes (avenida Paulista, 509).

Publicado pela Editora Lumen Juris, o livro conta com texto de apresentação do advogado Carlos Roberto Siqueira Castro, sócio do SiqueiraCastro, e explora uma metodologia desenvolvida pelo autor para aferir o grau de distintividade dos sinais mar-

cários, a partir de critérios que buscam tornar mais objetiva uma análise que, na prática, pode envolver diferentes interpretações.

Obra propõe metodologia para aferir a distintividade de sinais marcários.(Imagem: Divulgação)

O estudo se concentra especialmente nas categorias de sinais genéricos, necessários, comuns e descritivos e em sua relação com a possibilidade de proteção como marca. A proposta parte de uma questão recorrente no Direito Marcário: como estabelecer, de forma técnica e sistematizada, se determinado sinal possui capacidade suficiente para distinguir produtos ou serviços de uma empresa daqueles oferecidos por outras? Ao organizar critérios para essa análise, o autor busca oferecer uma ferramenta aplicável ao exame de casos concretos.

A publicação é voltada a advogados, profissionais que atuam com **propriedade intelectual**, pesquisadores, estudantes e demais interessados no Direito Marcário. Ao propor uma metodologia para a análise da distintividade, a obra busca contribuir para o debate sobre os critérios utilizados na proteção e no exame de marcas no Brasil.

NY Times acusa OpenAI de 'roubo impressionante' por utilizar milhões de seus artigos para treinar IA



Jornal processou OpenAI e Microsoft em um tribunal federal, acusando empresas de utilizarem indevidamente material protegido por **direitos autorais** para treinar o ChatGPT

A OpenAI cometeu um "roubo impressionante de proporções sem precedentes" ao utilizar milhões de artigos jornalísticos para treinar seus modelos de inteligência artificial (IA), alegou o New York Times em um documento judicial tornado público nesta quinta-feira. A startup californiana teria extraído conteúdo de mais de 10 milhões de artigos, quase um terço deles provenientes do próprio New York Times.

Tribunal: Juíza determina compartilhamento de dados e outras medidas contra monopólio do Google em tecnologia de publicidade
Leia também: CEO da Nvidia pede testes de segurança para a IA em cúpula com rei Charles III

O documento afirma que Brent Hecht, diretor de Ciência Aplicada da Microsoft, classificou a prática como "um roubo impressionante de proporções sem precedentes" e possivelmente "o maior roubo de trabalho da história da humanidade". As declarações de Hecht representam "a opinião pessoal de um funcionário" e "não refletem a posição da empresa", informou um porta-voz da Microsoft à AFP em comunicado.

O jornal processou a OpenAI e a Microsoft há três anos em um tribunal federal de Nova York, acusando as empresas de utilizarem indevidamente materi-

al protegido por **direitos autorais** para treinar o ChatGPT, principal modelo da OpenAI. A Microsoft fez seu primeiro investimento na OpenAI em 2019.

Diversos outros grupos de mídia também aderiram à ação judicial, entre eles a Ziff Davis, proprietária do CNET e de outras publicações de tecnologia, além da empresa controladora da revista Mother Jones, o site de jornalismo investigativo The Intercept e vários jornais locais dos Estados Unidos. Os autores da ação pedem indenização por cada artigo que teria sido utilizado pelos modelos da OpenAI, embora ainda não esteja claro o valor total que poderá ser determinado pela Justiça.

Desde o lançamento do ChatGPT, no fim de 2022, a OpenAI assinou acordos de licenciamento de conteúdo com muitos veículos de imprensa ao redor do mundo. Ainda assim, persistem preocupações de que os sistemas de IA generativa estejam reduzindo o tráfego para sites de notícias na **internet**.

As empresas de IA tentaram responder a essas críticas ao incluir citações e links nas respostas fornecidas aos usuários, mas a iniciativa foi considerada insuficiente por parte dos críticos.

"Por mais destaque que demos aos links, os usuários não vão clicar neles", admitiu um dos próprios engenheiros da OpenAI, segundo o documento judicial.

A OpenAI e a Microsoft alegam que o uso de conteúdos do New York Times está amparado pelo princípio do fair use (uso legítimo), uma exceção da legislação de **direitos autorais** dos Estados Unidos que permite, em determinadas circunstâncias, a utilização de obras sem consentimento. As empresas também argumentam que o desenvolvimento da IA envolve uma transformação do conteúdo utilizado.

No início de setembro, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos apresentou um parecer em apoio à OpenAI e à Microsoft, citando o "progresso científico", o crescimento econômico e a "segurança nacional". Os autores da ação solicitaram uma sentença sumária favorável. Caso o juiz federal

Continuação: NY Times acusa OpenAI de 'roubo impressionante' por utilizar milhões de seus artigos para treinar IA

Sidney Stein acolha o pedido, o processo não seguirá para julgamento, mas uma decisão não é esperada antes de 2027.

Microsoft

IA nas pequenas empresas coloca produtividade em debate

IA avança, mas lucro exige gestão eficaz

A adoção de Inteligência Artificial (IA) nas empresas brasileiras avançou de 13% em 2024 para 17% em 2025, segundo a pesquisa TIC Empresas 2025, realizada pelo Cetic.br/NIC.br e divulgada em junho de 2026. O levantamento, que entrevistou 4.174 organizações, indica que a tecnologia está presente em 15% das pequenas empresas (10 a 49 funcionários) e em 50% das grandes companhias, ampliando a diferença entre esses grupos de 28 para 35 pontos percentuais. Apesar do crescimento, transformar a adoção em resultados financeiros ainda representa um desafio de gestão.

No cenário internacional, o relatório "Generative AI and the SME Workforce", publicado pela OCDE em 2025, analisou 5.232 pequenas e médias empresas em sete países. Entre as que utilizam IA generativa, 65,1% relataram melhora no desempenho dos profissionais, 45,2% apontaram economia de recursos e 25,9% observaram aumento de receita. Os dados refletem percepções dos entrevistados e não estabelecem relação causal direta entre a tecnologia e o desempenho financeiro.

Erica Berbel, executiva de tecnologia e transformação de negócios com duas décadas de experiência, destaca que economizar tempo em uma atividade não implica automaticamente em maior faturamento ou redução de custos. "Existe muito conteúdo sobre ferramentas, prompts e tendências de IA. Quero focar na aplicação prática: quais processos transformar primeiro e como medir resultados", afirma. Para Berbel, a avaliação deve iniciar pelo problema a ser resolvido, e não pela ferramenta disponível.

A pesquisa brasileira revela que 80% das empresas que utilizam IA adquiriram softwares ou sistemas prontos, enquanto 60% contrataram fornecedores externos para desenvolver ou adaptar soluções. Essa combinação permite testar projetos de diferentes escalas, mas o custo da ferramenta representa apenas uma parcela do investimento total, que inclui integração com sistemas legados, preparação de dados, treinamento, manutenção e supervisão.

Entre as barreiras identificadas pela OCDE, 57% das PMEs que ainda não adotam IA generativa consideram a tecnologia inadequada ao seu trabalho, 54% manifestam preocupações com **direitos autorais** e questões regulatórias, 52% temem o destino das informações inseridas nos modelos e 50% apontam falta de competências internas. Embora esses indicadores não sejam diretamente extrapoláveis ao Brasil, eles sinalizam questões que precisam ser avaliadas antes da implementação.

Berbel recomenda um diagnóstico que mapeie tarefas repetitivas, etapas manuais, atrasos, erros e atividades que limitam a capacidade de atendimento. A seleção de aplicações deve equilibrar impacto esperado, viabilidade e riscos, com indicadores definidos previamente, como tempo por atividade, custo por atendimento, retrabalho e prazo de resposta. "Eu começaria pelo problema, não pela ferramenta. IA não deveria significar automatizar indiscriminadamente, mas redesenhar o trabalho de forma mais inteligente", explica.

A experiência de Berbel em grandes organizações indica que adaptar boas práticas às PMEs exige envolver a liderança, preparar as equipes e iniciar por projetos compatíveis com a operação. O foco econômico, segundo a executiva, não está no número de ferramentas adotadas, mas nos resultados demonstráveis. "O ganho real de produtividade não acontecerá quando utilizarmos IA apenas para executar mais rapidamente processos antigos. Ele acontecerá quando começarmos a redesenhar processos, funções e organizações considerando as novas capacidades disponíveis", conclui.

Os dados apresentados reforçam que, embora a adoção de IA esteja em expansão, a conversão de eficiência em competitividade depende de estratégias de implementação estruturadas, avaliação de riscos e medição rigorosa de resultados.

Índice remissivo de assuntos

Direitos Autorais	4,5,6
Propriedade Intelectual	1,2,3